

Veículo: *O Estado de S.Paulo*

Data: 11/3/2012

Autor: Roberto Simon

'Falta coragem para vencer a crise'

*Para ex-comissário de comércio da UE,
governos dos países europeus atravessam uma crise de legitimidade*

Veterano trabalhista britânico e ex-comissário de Comércio da União Europeia (UE), Peter Mandelson puxa a orelha dos líderes políticos do Velho Continente, incapazes de recobrar a legitimidade perdida pelo bloco europeu desde o início da crise. Faltam-lhes "honestidade" com a opinião pública e "coragem" para levar adiante as reformas necessárias, reclama um dos raros "euroentusiastas" num país de "eurocéticos", o Reino Unido.

Mandelson falou na terça-feira - antes do anúncio do calote grego - a uma plateia de empresários e acadêmicos no Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), em São Paulo. Bem-humorado, confessou que, antes dos compromissos na capital financeira, conseguiu escapar para o Rio, onde acabou "em uma mesa de bar de Santa Tereza, cercado por tipos boêmios".

Sobre o Brasil, pediu "paciência" à presidente Dilma Rousseff com o que ela chama de "tsunami monetário". A seguir, os principais trechos da conversa com o Estado:

OESP: Qual é sua opinião sobre as críticas da presidente Dilma Rousseff ao "tsunami monetário" que estaria invadindo o Brasil, provocado em parte pela injeção de liquidez na Europa?

Peter Mandelson: Entendo o que diz a presidente. Realmente, no processo de estimular uma liquidez extremamente necessária neste momento na Europa, vemos que parte desse dinheiro escapa para o Brasil e outras economias em rápido crescimento. Isso cria um problema aqui. A questão é que a alternativa a essa política europeia é arriscar a quebra de bancos e a falência econômica. Um cenário desses teria consequências muito mais drásticas ao Brasil do que qualquer coisa que estamos fazendo agora. Peço

ao Brasil que seja paciente e entenda a necessidade da injeção de liquidez. As políticas do Banco Central Europeu (BCE) buscam assegurar a saúde dos bancos enquanto eles tentam superar a crise. Não podemos sentar e vê-los ruir.

OESP: Algumas pessoas no governo brasileiro dizem que essa injeção de liquidez poderia ser menos agressiva se as políticas de austeridade fiscal que vêm sendo adotadas na Europa não fossem tão duras. O sr. concorda com a lógica desse argumento?

Peter Mandelson: Não. O que há é um risco de "contágio de austeridade". Se todas as economias da Europa operassem as mesmas políticas de austeridade ao mesmo tempo, então haveria um risco de ver o continente mergulhar numa depressão - com um impacto funesto para o restante do mundo. Mas não é isso que estamos fazendo. As políticas adotadas têm nuances e devemos desenvolver medidas de consolidação fiscal, pois estávamos vivendo além de nossos meios. Estamos passando por um período de ajuste, algo doloroso, aliás. Concordo com os que defendem a necessidade de medidas para recuperação da economia por meio do estímulo do crescimento. Por isso, é preciso manejar com cuidado uma mistura desses dois tipos de política.

OESP: O sr. reconhece que, com a crise, a União Europeia perdeu parte de sua legitimidade?

Peter Mandelson: A palavra legitimidade é de fato a mais adequada para descrever a situação. Há sim uma crise de legitimidade - não de democracia - na Europa. Grande parte da opinião pública europeia está questionando a capacidade não só de seus próprios governos nacionais, mas também das instituições de Bruxelas, como a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu. Não conseguiremos apoio para dar os passos políticos necessários diante da crise sem que essa legitimidade seja restaurada.

OESP: Mas, na prática, o que os líderes europeus têm de fazer para resolver essa situação?

Peter Mandelson: É em parte uma questão de falta de vontade política e coragem dos líderes, mas também de honestidade. Deve-se ser claro com as pessoas sobre como nos metemos nessa crise e como podemos sair dela. A opinião pública deve entender como a

Europa vai conseguir ganhar o seu dinheiro e como vamos integrar a economia global - por exemplo, com as cadeias de produção em escala internacional, que cada vez mais caracterizam a globalização.

OESP: Nesse sentido, nas eleições na França, há um choque de visões muito claro entre o presidente Nicolas Sarkozy e o candidato socialista François Hollande sobre como superar a crise na Europa. De que forma isso ecoa para além das fronteiras francesas?

Peter Mandelson: Eu interpreto a eleição na França como um microcosmo do grande debate na Europa. Austeridade versus crescimento, reformas estruturais versus continuidade, mudanças trabalhistas versus o status quo. São, de certa forma, estereótipos, mas é possível generalizá-los e entender que Sarkozy e Hollande são as grandes visões em oposição sobre o futuro da França e da Europa. Essa campanha terá ecos fora do território francês.

OESP: Países emergentes estão pressionando por mais espaço em instituições financeiras globais. O sr. acha que chegou o momento de americanos e europeus perderem o monopólio sobre o comando do Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional?

Peter Mandelson: Acho que sim, chegou a hora. As instituições financeiras internacionais devem refletir melhor a mudança no equilíbrio de poder econômico no mundo. É assim que essas instituições conseguiram renovar sua própria legitimidade.

OESP: Elas estão em crise?

Peter Mandelson: Não acho que é para tanto. Mas diria que elas enfrentam um desafio grande pela frente. A "velha catedral" do consenso atlântico (EUA-Europa) está ruindo e ela não será reconstruída. Deve-se erguer uma nova catedral, capaz de refletir a pluralidade de interesses e políticas.

OESP: O sr. é um dos mentores do chamado 'New Labour', a guinada do Partido Trabalhista britânico para o centro, abandonando bandeiras históricas e levando Tony Blair ao poder. Depois da crise, o sr. vê da mesma forma o livre mercado? Há em seu partido algum saudosismo?

Peter Mandelson: Não diria "livre mercado" simplesmente, mas "economias com base no mercado", que opera dentro de um contexto de regulação. Não é nem puro laissez-faire nem exageradamente estatizante. Precisamos de mercados administrados com políticas que os tornem eficientes e competitivos, que tratem as pessoas no mercado de trabalho de forma correta e que observem interesses públicos, como a sustentabilidade. Esses são os nossos princípios.

OESP: O sr. afirmou há pouco, na palestra, que não se pode ver a Europa como uma "vítima" da globalização. Como é isso?

Peter Mandelson: A Europa pode contribuir muito. Temos conhecimento, ampla capacidade de inovação, tecnologia, ciência. Mas temos de amparar isso, de um lado, com investimentos privados e, de outro, novamente, com o apoio de governos, que deverão "puxar" as coisas nesse momento de dificuldade financeira.